

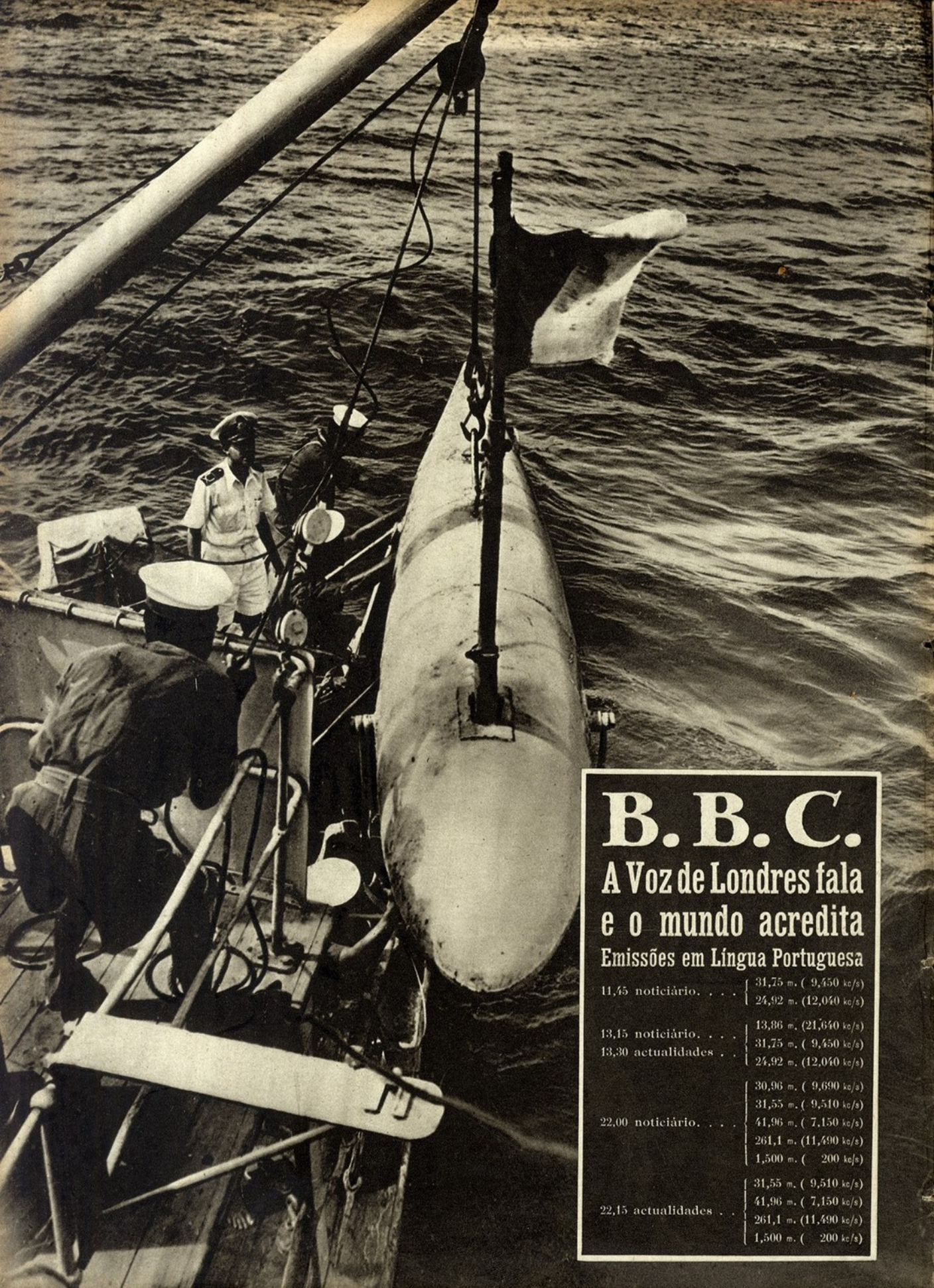
MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
1.º SET 1942

46



Setembro
maravilhoso
tem
destas imagens
de alegria
nas praias
de
Portugal



B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

11,45 noticiário . . .	31,75 m. (9,450 kc/s)
	24,92 m. (12,040 kc/s)
13,15 noticiário . . .	13,86 m. (21,640 kc/s)
	31,75 m. (9,450 kc/s)
13,30 actualidades . . .	24,92 m. (12,040 kc/s)
	30,96 m. (9,690 kc/s)
22,00 noticiário . . .	31,55 m. (9,510 kc/s)
	41,96 m. (7,150 kc/s)
	261,1 m. (11,490 kc/s)
	1,500 m. (200 kc/s)
22,15 actualidades . . .	31,55 m. (9,510 kc/s)
	41,96 m. (7,150 kc/s)
	261,1 m. (11,490 kc/s)
	1,500 m. (200 kc/s)

Sumário

FRATERNIDADE DE ARMAS ANGLO-LUSO (1808-1815)
de Rocha Martins

REFLEXOS DO MUNDO

MARK CLARCK, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

A AMÉRICA GIGANTESCA

A OFENSIVA AÉREA

A MULHER NO TRABALHO

A MARINHA DOS ALLADOS

OS PEQUENOS REIS, por S. Saboya

MORTO PELA PÁTRIA

A ALEGRIA DO RIBATEJO

O ATAQUE A DIEPPE

OS LEÕES DE MALTA

AS ASAS DAS NAÇÕES UNIDAS DOMINAM O MUNDO

REDES MORENAS

O QUE LISBOA COME

A CONQUISTA DE EL ALAMEIN

FIGURAS E FACTOS

A R. A. F. VENCE SEMPRE

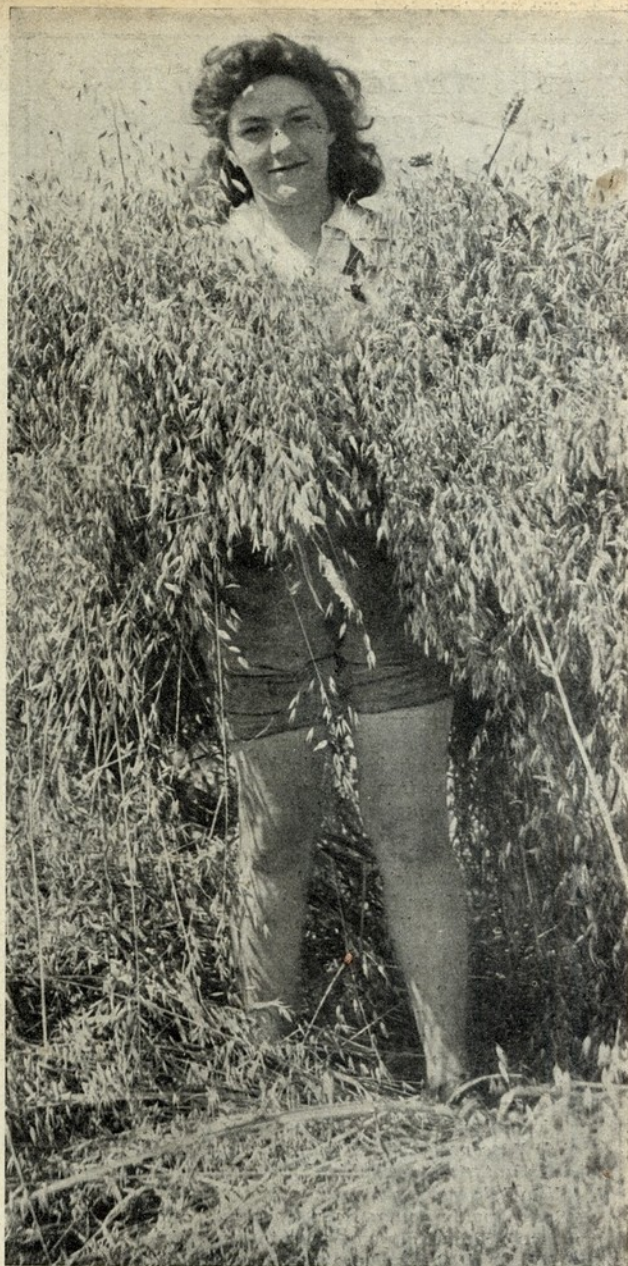
PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

A CONFERÊNCIA DE MOSCOVO, por Carlos Ferrão

CHARLOTTE BRONTE, de A. R.

DECLIVE, novela de Guedes de Amorim

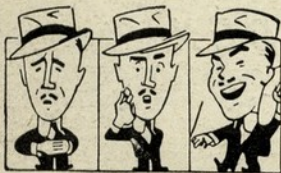
CINEMA, de António Lourenço



SEARAS DE OIRO

INDIGESTÃO?

DEPRESSA UMA RENNIE
UM... DOIS... TRÊS



A DOR DESAPARECE

QUEM sofre ataques de indigestão por mais de 80 segundos, só de si se deve queixar. Existe um remédio que age neste espaço de tempo. Leva-se na algibeira, não precisa de água para se tomar e chama-se Rennie.

Rennie é uma combinação de 15 ingredientes que incluem anti-ácidos para neutralizarem a acidez, absorventes para reduzirem os gases e fermentos para auxiliarem a digestão. Rennie dissolve-se na boca. Entra imediatamente em actividade, pois chega ao estômago com toda a sua força que não é diluída pela água.

As pessoas que têm sofrido de incómodos padecimentos de estômago, e experimentado tudo quanto existe sem resultados, obtiveram rápidos alívios com Rennie. 1.198 médicos usam e recomendam Rennie pois conhecem-nas. Vendem-se em todas as farmácias.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Fraternidade de armas anglo-lusa

(1808-1815)

de Rocha Martins

QUANDO da organização dos corpos de campanha, em 1 de Junho de 1814, a última antes da vitória final sobre Napoleão, os oficiais superiores portugueses e ingleses, mais uma vez, se viram unidos na fraternidade de armas.

É interessante guardar os nomes dos denodados militares que combateram nas mesmas unidades portuguesas contra o dominador da Europa. Formaram-se dez brigadas de infantaria secundo no comando da primeira o brigadeiro Campbell com os regimentos 1 e 16 e o 4 de caçadores de que eram chefes respectivamente, os coroneis Thomas Noel Hul, britânico, Magalhães Pizarro, português e tenente-coronel Keynton Willdeus também subdito de Jorge III.

A segunda brigada, a de João Lobo Branco de Almeida só se compunha do 2 e 14 de infantaria com chefes nacionais: Berçardo António Zaçala e Rodrigo Vito Pereira da Silva. Competia a Luis do Rego Barreto simples coronel, o comando da terceira brigada tendo às suas ordens, o 3 e o 15 de infantaria entregues a Fonseca Rosado e Francisco Carrete e o batalhão de Caçadores 8 que o inglês Dudley S. Seger Hill chefiava sendo tenente coronel quando os seus camaradas portugueses sendo majores, comandavam regimentos. A quarta daquelas formações coubera ao brigadeiro João Buchan servindo com êle, à frente dos regimentos 4 e 10, Ricardo Armstrong e Sousa Vahia e no batalhão de de Caçadores 10, o major Frederico Armstrong como competia à sua patente.

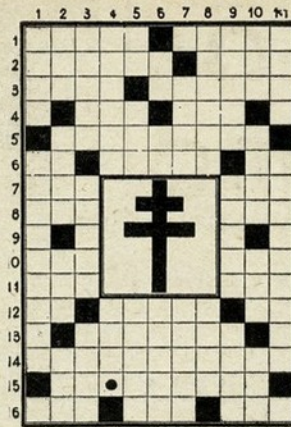
O brigadeiro Ashwosefi, da quinta brigada, comandava o 16 e 18 de infantaria e o 6 de Caçadores cujos tenentes coroneis eram Maxwel Grant, Henry Vynn e Thomas Bumberry. Só serviam ali britânicos sendo os capitães e tenentes portugueses e ingleses. Em compensação o brigadeiro Xavier Valmeirim tinha subordinados no comando do 7 de infantaria e do 2 de caçadores, os ingleses coronel Jorge Elder e tenente coronel Zuhcke. Encontramos na sétima brigada Guilherme Beaty sendo apenas coronel.

Era a única excepção que no exército em campanhas mas os seus feitos e conhecimentos davam-lhe autoridade. Logo, como a desculpar-se aquê caso se entregaram a oitava e nona brigadas aos coroneis portugueses Teles de Menezes e José de Vasconcelos, tendo êste como chefes do regimento 11 de infantaria o coronel inglês Alexandre Andreson e do batalhão 7 de caçadores o major Berenei.

Surge, porém, outra excepção e essa deveras notável: um tenente-coronel português comandou a décima brigada. João Carlos de Saldanha, o futuro marechal que se cobriu de glória, tinha no seu efectivo o 13 e 24 de infantaria com os tenentes-coroneis Severino Ferreira e Pereira de Faria e o seu camarada britânico Thomas Saint Clair comandando um simples batalhão, o de caçadores 5.

Na organização anterior, no comando das brigadas, também havia portugueses, Luis do Rêgo, José de Vasconcelos e o brigadeiro Costos rende os dois primeiros coroneis, assim como os britânicos, Hardinge, e Doyle, Hiel mas viram-se à frente de outras brigadas os marechais de campo Power e Bradsford e o brigadeiro Buchan.

O marechal de campo português Carlos Frederico Lecar comandava a divisão na qual servia o brigadeiro inglês Buchan. Tenentes generais como Hill, Victon, Cole, Leith, Clinton, barão de Alten estavam junto de Lecar e de Beresford comandava em chefe o exército português subordinava-se à Regência. Pelo menos assim succedeu durante o período da luta em que como deixamos demonstrado ingleses e portugueses se equilibraram nos comandos do exército a ponto de servirem nas mesmas fileiras uns sob as ordens dos outros e nem sempre os ingleses ocuoaem os postos que competiam às patentes. Retnou desde 1808 a 1815 a melhor fraternidade nas armas anglo lusas.



PROBLEMA N.º 46

HORIZONTAIS

- 1 — Cabo de guerra — Barranco.
- 2 — DESTACAMENTOS MILITARES — Deus dos ventos, filho de Júpiter e da ninfa Menallipo, segundo a mitologia grega.
- 3 — Igual — QUE TÊM LIBERDADE.
- 4 — Nome de mulher — Observar.
- 5 — NATURAIS DUM GRANDE PAÍS DA EUROPA (fem.).
- 6 — Parte em que se amuram as velas do navio — Ecoara — Alternativa.
- 7 — Única — Divisível por dois.
- 8 — Tempéro — Época.
- 10 — Chefe etíope — Repetição dum som.
- 11 — Agora — Senhor.
- 12 — Desacompanhado — Terra alagadiga — Cãhamo da Índia.
- 13 — ALTA PATENTE NO EXÉRCITO.
- 14 — Movera-se sinuosamente.
- 15 — NOME DO COMANDANTE

- DAS FORÇAS FRANCESAS QUE CONTINUAM COMBATENDO PELA SUA PÁTRIA.
- 16 — Pronome pessoal — Ar (inglês) Língua que outrora se falava no norte da França.

VERTICAIS

- 1 — Aderente — Reluzentes.
- 2 — Sofrimento — Sovina — Arco — Composição poética (inv.).
- 3 — Equipar — Amacia — Arenito.
- 4 — Elevadas — Hastes de plantas (inv.).
- 5 — Nota musical — Espaço de tempo — Submerge.
- 6 — Letras de «Sol» — Neste lugar — Padecei.
- 7 — Localidade em cujo castelo o Duque de Kent, recentemente falecido ao serviço da Inglaterra, tinha a sua residência — Nome de homem.
- 8 — Ligeireza — Sincero (inv.).
- 9 — Espécie de barrete — Couros — Apelido do compositor de música francesa, autor do «Rei d'Ys», falecido em 1892.
- 10 — Ice — Tanger — Em companhia — Soberano.
- 11 — Flor — Aparelho que representa os corpos celestes e os seus movimentos.



Solução do problema n.º 45

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas {
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

REFLEXOS DO MUNDO

Um herói da R. A. F.



O filho e herdeiro de Lord Beaverbrook, tenente-coronel aviador Aitken, foi condecorado com a Ordem dos Serviços Distintos.

Na citação lê-se que ele é um «brilhante piloto e valente chefe, que deu o exemplo mais animador. Pela sua excepcional e firme dedicação ao dever contribuiu largamente para o alto nível de eficiência das suas esquadilhas e para os êxitos que alcançaram?».

Em 9 de Julho, a esquadilha destruiu cinco aviões inimigos, dois dos quais foram abatidos pelo próprio tenente-coronel Aitken. As suas vitórias elevam-se já a doze.

Aitken ganhou já a Cruz de Voos Distintos em Julho de 1940 e possui a Cruz Militar Checa. No corrente ano o seu grupo já destruiu quinze aviões alemães. A R. A. F. vence sempre!

Dever e coragem



Os marinheiros do porta-aviões «Eagle» exaltam o heroísmo do médico de bordo. Nadou de uma para outra jangada, procurando os feridos que, por acaso, precisassem de socorros.

Quando o navio se inclinava encontrou um marinheiro ferido nas pernas. Serenamente deu-lhe um calmante. Depois atou-lhe uma corda aos ombros e deixou-o escorregar até ao mar. O marinheiro foi então, salvo por um contra-torpedeiro.

O médico só se lançou ao mar quando o navio se afundava. Compreendendo magnificamente o seu dever, nadou então de jangada em jangada à procura dos doentes e feridos, até ser recolhido por um contra-torpedeiro. Vem a propósito dizer que a perda do «Eagle» nada afecta a «Royal Navy» que tem ao seu serviço mais porta-aviões de que

quando a guerra começou. Mais e melhores. O objectivo da armada britânica foi atingido. O «comboio» que se dirigia a Malta chegou ao seu destino, levando aos seus heróicos defensores tudo quanto necessitam para que a sua resistência seja, como até aqui, inabalável, tão inabalável que assombra o mundo.

Enfermeiras americanas



A n n Agnes Bernatitus, enfermeira da marinha americana, conseguiu

fugir daquele bastião de heroísmo que se chama Corrigidor. Saiu num submarino dois dias antes da ilha ter caído em poder do inimigo.

Miss Bernatitus tem 30 anos e prestou serviços na campanha de Bataam, tendo depois seguido para a ilha de Corrigidor com as forças americanas.

Regressou à América. Quando chegou a Washington, pediu, alegremente, para seguir para a linha de fogo e ocupar outro posto de sacrifício e de heroísmo.

As flores do rei Haakon



Como dissemos, a Noruega celebrou, com entusiasmo, o aniversário do seu Rei.

Por notícias chegadas agora da Noruega, vê-se como os habitantes desse país, admiram o chefe que foi obrigado a deixá-los para melhor os servir. De longe, no seio de um país amigo e aliado, o rei Haakon simbolisa a alma da resistência nórdica.

Em Oslo, no dia do aniversário real, crianças, mulheres e homens apareceram com as botas floridas. Os cravos e as rosas eram uma homenagem ao nobre monarca. Na cidade teve



de ser proibida a venda de flores, de tal modo eram procuradas.

O aniversário, porém, não foi apenas celebrado com flores; celebrou-o, sobretudo, a alegria intensa do coração de todos os noruegueses.

Actor e soldado



Ramón Navarro foi o primeiro cidadão mexicano a alistar-se no exército dos Estados Unidos, sem por isso perder a sua nacionalidade.

BOMBAS SÔBRE A ALEMANHA
Mesmo antes de saírem para o mar os submarinos nazis são destruídos pela R. A. F. nos seus estaleiros

Ele que há anos foi o mexicano mais conhecido do mundo e mais amado pelos corações femininos, é agora um dos primeiros a dar o exemplo de valor e decisão militar ao serviço duma nobre causa. Guiando, no écran, as quadrigas, no circo, ele será nos campos de batalha mais um soldado da humanidade.

Um exemplo

Numa fábrica de munições do nordeste da Inglaterra começou

um dia, em Abril, a trabalhar, um rapaz simpático de nome suposto, com dezassete anos que havia pouco terminara a sua educação em Eton.



É Gerald Vascelles, sobrinho do Rei Jorge VI, filho da irmã do Rei e do Conde de Harewood.

AZULEJOS

e faianças artísticas
género antigo

FÁBRICA SANTANA

Rua do Alecrim, 91-97/Telef. 22537-81592/LISBOA



MARCK CLARCK

A nomeação recente de altas patentes do exército norte americano para o comando das forças que se encontram na ilha britânica e na Irlanda é a prova mais concludente da importância crescente da intervenção dos Estados Unidos no presente conflito.

O general Mark Clark é um dos mais ilustres discípulos da Academia Militar de West Point. Comandou um batalhão em França durante a conflagração de 1914-18, sendo ferido e condecorado por feitos em campanha. Afirmou-se então como um oficial decidido, conhecendo a fundo os segredos da arte militar.

Quando a outra guerra terminou, Clark não quiz abandonar a carreira das armas e dedicou-se afinadamente ao estudo dos problemas de estado maior. Tirou brilhantemente o respectivo curso e, a partir desse momento, foram-lhe conjuntas as mais delicadas e importantes missões.

Em 1940 era um dos mais categorizados chefes da Escola Militar transitando então para o cargo de chefe do estado maior das forças terrestres. A grande reorganização do exército norte-americano, decretada em abril deste ano, confirmou-o no desempenho dessa função que é uma das mais importantes na organica militar norte-americana. A sua colaboração com o general Eisenhower tem sido sempre muito estreita, podendo dizer-se que é uma das personalidades que mais de perto conhece o pensamento e os planos do chefe supremo das forças americanas na Europa.

CRÓNICA INTERNACIONAL

4.º ANO DE GUERRA

A guerra desencadeada em 1 de setembro de 1939 pela entrada das tropas alemãs em território polaco entra no seu quarto ano. Durante três anos os seus horrores tocaram quasi tôdas as partes do globo e aqueles que a não sentiram directamente tiveram de suportar as suas repercussões sinistras.

A três anos de distância não vale a pena perder um minuto com o debate das origens e das responsabilidades do conflito. Tão claramente demarcadas se encontram essas origens; tão nitidamente definidas se encontram essas responsabilidades. Nenhum esforço de propaganda, nenhuma subtilidade jurídica, nenhuma habilidade diplomatica invalida o valor irrecusavel dos factos ou diminui a prova irrefutavel dos acontecimentos. A esse respeito a consciência dos homens e dos povos está suficientemente esclarecida.

Mas a guerra que se iniciou em 1 de setembro de 1939 viu alterada profundamente a sua feição inicial. Tão alterada que aos olhos daqueles que assistiram ao seu começo ela aparece hoje irreconhecível. A primeira concepção de que em última análise dependia a vitória, foi substituída pela realidade dramática da guerra demorada em que a vantagem da preparação foi, pouco a pouco, substituída pelo valor e pela importância dos recursos postos em jogo.

No ano que se iniciou em 1 de setembro de 1941 e terminou em 31 de agosto de 1942, os países em luta contra as potencias do «eixo» realizaram um esforço gigantesco. Entre todos, a Gran-Bretanha desenvolveu em todos os campos que, directa ou indirectamente, se relacionam com a condução da guerra, uma actividade extraordinária. Os seus chefes políticos e militares, os seus soldados, os seus marinheiros, os seus aviadores, os seus operários, as suas mulheres, a nação e o povo da Gran Bretanha indissoluvelmente identificados contribuíram para a decisão final com uma energia, uma tenacidade e uma coragem que ficarão como uma das páginas mais brilhantes da secular história britânica.

Durante esse período verificou-se uma parte capital para a evolução do actual conflito da guerra e seu desenlace: a intervenção dos Estados Unidos da América do Norte. Numa guerra em que a importância de material veio substituir, em grande parte, a bravura e a iniciativa dos homens, é fácil calcular o que significa o concurso dado a um dos grupos de beligerantes pela primeira potencia industrial do mundo.

Por toda a parte, no Extremo Oriente, no Médio Oriente, no Norte de África, na Europa, as forças británicas bateram-se com a sua bravura habitual. Mais de que os resultados episodicos de batalhas locais num conflito que, mais do que nenhum outro, deve ser considerado como uma conflagração mundial, é o resultado final que conta. Para esse resultado o exército, a esquadra, a aviação e a industria da Gran-Bretanha concorreram decisivamente.

A esquadra inglesa operando no Atlântico e no Pacífico, no Indico e no Arctico, no Mediterrâneo e no Mar do Norte continua a ser a coluna vertebral do esforço de guerra das nações unidas. A R. A. F., que deve considerar-se neste momento a primeira força aérea do mundo actuou com uma força crescente, detendo o avanço do adversário no Egipto ou sobrevoando Colónia e Essen, Hamburgo e Emden.

Qualquer que possa ser ainda a duração do conflito a Gran Bretanha encontra-se, mais do que nunca, preparada para enfrentar as suas vicissitudes e para dominar a sua decisão.

O OBSERVADOR

Europa

Europa! Ergue a tua cabeça, respira um pouco, enxuga a fronte coberta do suor de dor, e olha as estrelas! São eternas, como os signos da civilização que criaste, através dos séculos, na diferença profunda das tuas raças, nos marcos das tuas fronteiras e no espirito dos homens de boa vontade, que não quiseram a guerra. A noite imensa que se estende sobre o teu corpo esfacelado, a sangrar, terá um fim. A luz não morre. Todos os dias ela dá volta à terra, com um brilho novo, despertando, nas almas do mais triste prisioneiro um raio de esperança! Já noutros tempos, uma sombra planou sobre o velho continente. Foi há um século, e dela ficou apenas um rochedo, na imensidade do mar.

O teu corpo, a tua alma são imortais! Tu voltarás a ser a Europa, uma Europa livre, senhora dos teus destinos, na autonomia plena do espirito e da civilização que criaste!

O uso das calças

Para a batalha do material e para a defesa do território, a mulher inglesa tem desempenhado um eminente papel.

Esta participação feminina na guerra — tão importante na retaguarda — tem modificado bastante o vestuário. As modas desapareceram.

Uma farda ou um fato de ganga e eis tudo! A mulher substituiu as saias pelas calças, o que, sem nada lhe roubar a beleza, lhe dá um ar mais varonil. Nos Estados Unidos havia, porém, uma lei que proibia o uso das calças pelas mulheres. Em Hollywood, por exemplo, só as estrelas de primeira grandeza, como Marlene Dietrich, estavam, de certo modo, ao abrigo da lei, em virtude da sua profissão artistica que, por vezes, exigia o traje masculino.

Essa lei acaba de ser revogada. É uma medida de guerra. Ficará depois dela acabar?

«Mundo Gráfico»

Completando em Outubro próximo mais um ano de existência o Mundo Gráfico, a exemplo do que fez o ano passado, porá nessa altura à venda as capas da sua segunda colecção.

A nossa administração pode encarregar-se das encadernações, que mandará executar logo que lhe sejam fornecidos os exemplares desse ano. Os nossos leitores que queiram, porém, adquirir só as capas, poderão desde já encomendá-las na administração da nossa revista.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOSPropriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogrevus, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 e 10 — Lisboa
PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Para a batalha do Ocidente, milhões de americanos chegam à Europa

A AMERICA GIGANTESCA

A-PESAR dos tanks serem considerados as mais poderosas armas de assalto na moderna guerra de mobilidade, o seu valor estratégico ficaria reduzido sem a colaboração dos carros colaterais de combate, tão importantes como os primeiros.

A função principal do tank é a de abrir caminho, destruindo todos os obstáculos; a do carro de combate, seguindo na cauda do tank, é a do cerco, da ocupação das posições inimigas e do envolvimento dessas forças.

O tank apodera-se e reduz o objectivo. As tropas, transportadas nos carros blindados e nos camiões de transporte, apoiadas pela infantaria colateral, capturam,



Os cruzadores aéreos dos Estados Unidos podem transportar canhões, automóves e tanks



Os super-tanks americanos. Este é um M-4, o melhor artilhado de todos quantos têm sido construídos até agora. A sua couraça de aço resiste às mais modernas armas anti-tank

limpam, e mantêm as novas posições.

Com seu prodigioso programa de tanks, ultrapassando de longe todos os cálculos previstos de fabrico, os Estados Unidos produzem car-

ros de combate numa escala também incomparavelmente superior à prevista.

Estes carros de combate representam os últimos e os mais formidáveis em uso nos nossos dias, e grande parte

dêles são exclusivamente de modelo americano.

Experiências exaustivas, realizadas por engenheiros automobilistas americanos, engenheiros que em tempo de paz construam os melhores automóveis e camiões do mundo, produziram este tipo de carro de guerra, modernizado, fabricado hoje em massa nas oficinas americanas, e enviado, em seguida, para as bases de todas as Nações Unidas, com destino a operações de carácter ofensivo.

Estes carros de combate americanos compreendem vários tipos desde o carro ligeiro de reconhecimento, de um quarto de tonelada, popularmente conhecido pelo nome de "jeep", até os gigantes camiões, com correntes de rodagem, à maneira de tanks.

O "jeep" é um veículo pe-

(Continua na pág. 29)



Não é só o continente americano que a esta hora está erigido de canhões, mas todo o Atlântico dominado pelas marinhas de guerra inglesa e americana



As duas bandeiras gloriosas flutuam lado a lado. Um símbolo, um destino e a vitória



Blindados norte-americanos transportam artilharia que faz fogo mesmo sobre os veículos

OFENSIVA AEREA



Um flagrante instantâneo da explosão de uma bomba lançada a pequena altura por um bombardeiro inglês, nas instalações de um porto da Holanda

Os visores da R. A. F. são de extraordinária precisão, permitindo atingir rigorosamente os alvos previstos. Em cima, a fotografia mostra o importante centro industrial de Sarrebruck cujas casas estão, na maioria, destruídas. Vêm-se perfeitamente quarteiros completos destelhados. A e B localizam duas enormes áreas devastadas por duas bombas de grande potência. A direita, os heróis da R. A. F., de regresso de um raid nocturno, trocam, satisfeitos, as suas impressões





Uma ceifeira mecânica de ótimo rendimento. A sua gentil condutora ceifa, por dia, dezenas de hectares



Uma linda rapariga trabalhando numa fábrica de peças de delicada metalurgia

A MULHER NO TRABALHO



A mulher também trabalha nas oficinas. Abrindo os furos para a rebitagem de uma armadura metálica.



Há que saber passar o arame farpado tanto de uma quinta como de uma defesa, de maneira a evitar que os grampos as firam

A MARINHA DOS ALIADOS



A Royal Navy no Indico, que, em acções decisivas, expulsou a esquadra nipônica daquele mar. Um canhão fazendo fogo



Mais um submarino alemão que é destruído por uma bomba de profundidade. O vulcão de água levanta-se no sitio onde ele desceu para sempre nos abismos do mar



Magestosos comboios, com o Exército americano, continuam a passar para a Inglaterra. Um submarino nazi é afundado com uma bomba de profundidade



A admirável fotografia de uma flotilha de destroyers inglesas que a toda a velocidade lança uma espessa cortina de fumo

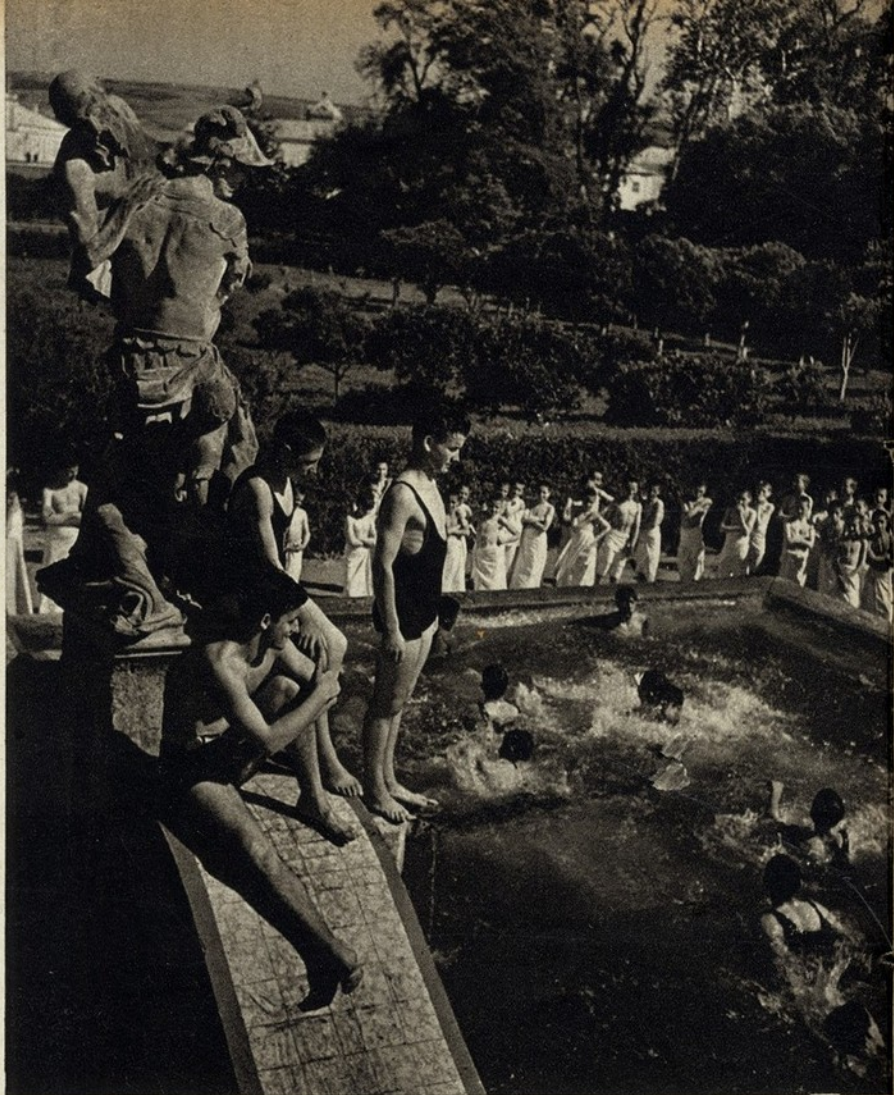


Uma orquestra improvisa-se em minutos.
Basta um tambor e boa vontade

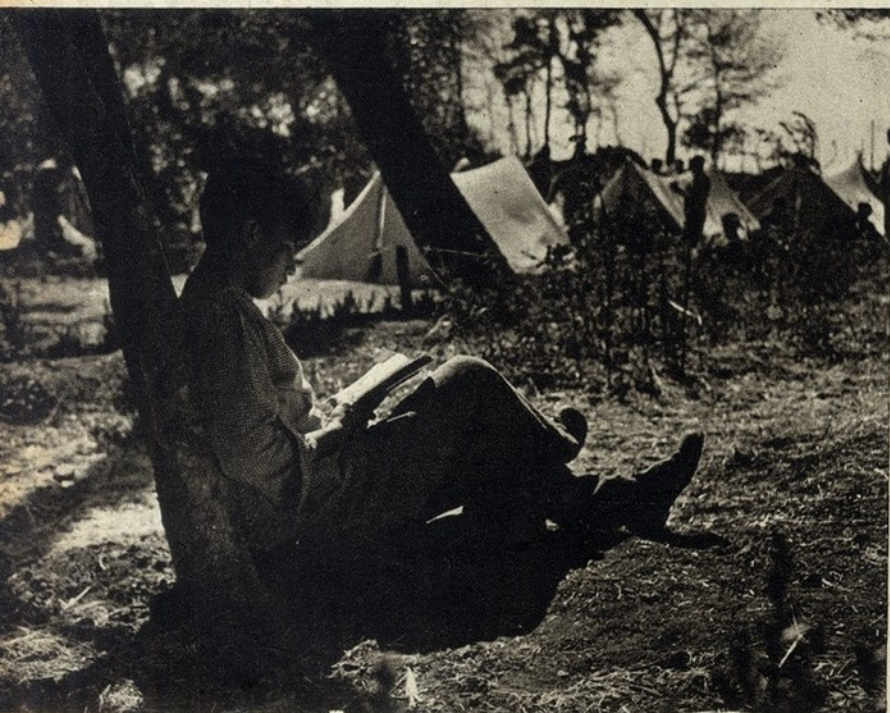
Os pequenos reis

O lindo e privilegiado Parque Nacional de Queluz, onde o Sol, nos seus magníficos reverberos, de tons dourados e fortes, tem seduções inestimáveis e constitui um dos mais preciosos estimulantes do optimismo que importa ter na vida, está agora transformado em esplendida Colónia de Férias, onde se escolhem algumas dezenas de alunos da Casa Pia de Lisboa.

Em pleno contacto com a Natureza, estão aqueles rapazes certos de que vela por eles com carinhos extremos, a mais bela instituição de assistência que existe no nosso País e que, durante os seus 162 anos, tem dado a todos os ramos de actividade um notabilis-



O tanque da tapada transformou-se em piscina. Com este calor...



Próximo do acampamento, à sombra acolhedora de uma árvore, este rapazinho da Casa Pia lê Júlio Verne

simo escol de bem apetrechados elementos de trabalho, muitos deles tendo conquistado invejáveis posições sociais, à custa da sua tenacidade, da sua inteligência e, sobretudo, da sua modelar e bem orientada preparação. A vida em liberdade sã, entre árvores frondosas e sob a luz calcificante do Sol, é, para os rapazes que estão no Parque de Queluz, uma das melhores e mais valiosas contribuições que lhes podem ser dadas para virem a ser o que, de facto, deles se espera: esplendidos elementos de activo labor na sempre crescente luta pelo engrandecimento da Pátria e do seu progresso social. E dentro desse objectivo que estão ali a gozar as suas férias, numa alegria franca e despreocupada, que parece espargir-se-lhes em redor, fornecendo-lhes energias sãs e repletas de incentivos.

Os que agora estão em Queluz não desmerecem dos seus condiscipulos que, junto ao mar, na praia de Caxias, estão, como eles, a fazer um estágio de repouso e alegria.

Quem, num ameno e sempre agradável passeio à antiga Tapada Real de Queluz, os vê e ouve casquinar as suas alacres risadas, não pode deixar de se sentir — como nos succedeu a nós — excelentemente contagiado pela alegria que daquele ambiente de luz e de cor se irradia, em verdadeiros caudais de beleza moral e de intraduzível optimismo, que é, a nosso ver, o mais precioso capital que, na actual hora de cruéis incertezas e tremendas desgraças que avassalam o Mundo, se pode ambicionar.

No velho parque os rapazes da Casa Pia, são uns pequenos reis.

S. Saboya



No meio do povo que o adorava, dando a mão a uma criancinha pobre



O Duque de Kent com o rei Pedro da Iugoslávia



O duque de Kent e sua esposa, a princesa Maria de Grécia



Sua Alteza Real examinando uma metralhadora anti-aérea

MORTO PELA PÁTRIA

Está de luto a casa real inglesa. A bandeira gloriosa da Gran-Bretanha inclina-se sobre o corpo daquele que foi o «príncipe bem amado». A sua figura esbelta, dama aristocrática, que não era, apenas, um título de sangue secular, mas uma expressão radiosa de vida humana, caiu para sempre ao serviço da Pátria. O duque de Kent era um prototipo das virtudes inglesas, pela educação e pelo carácter, pelo coração e pelo sentimento, pelo valor e pela nobreza espiritual. A sua existência foi sempre um traço profundo de simpatia e de gentileza. No mar e no ar, como marinheiro e como aviador, êle dir-se-ia encarnar a lealdade e o valor dos tipos legendários da história inglesa. Um rei Artur, com os seus cavaleiros, se não um Percival, de coração forte e espada rutilante, amigo do seu povo, o primeiro no perigo, defensor das grandes causas e dos mais altos idealismos, inteiramente devotado, nestas horas trágicas da guerra, à defesa acrisolada do Império.

Viveu e morreu como um grande príncipe de Windsor. Descobrimo-nos sobre o pavilhão que cobre os seus restos mortais e juntando às preces do povo inglês, as rosas da cidade de Portugal, evocamos nesta hora pungente a Rainha Mary, o Rei Jorge e Sua Alteza a Duquesa de Kent tributando-lhes todo o nosso respeito e todo o nosso pesar.



Um gracioso barrete verde num cenário real das riquezas da região

A ALEGRIA DO RIBATEJO



O distinto cavaleiro Murteira Correia crava um ferro ao estribo roçando as astes do touro



As ruas de Alcóchete estiveram em festa. O cortejo atravessa as estreitas artérias da vila entre a alegria das raparigas

O Ribatejo conserva ainda animados os seus costumes inalteráveis e típicos. Desde as expressões da vida exterior, até ao modo íntimo de ser, o homem da faixa que margina o Tejo, é decorativo e sentidamente alegre.

Os ballaricos, os arraisais, o fandango, as «feras», as corridas de toiros — escola de energias afirmando qualidades vitais da raça — constituem uma aguarela viva, colorida, movimentada e cantante.

Tudo é policromia: as vestes dos campinos, os lenços das moçoilas, a mancha clara da paisagem luminosa, servem à maravilha para inspirar um grande pintor apaixonado da cor e do movimento.

É ali, no Ribatejo de vida estuante, que os coloristas deveriam procurar a realização



A festa brava. Dois futuros toureiros que seguem com atenção as fases da corrida



Os camarotes da praça estavam cheios destas lindas flores

do conselho do poeta. Não quando este se ocupa dos miseros aleijadinhos; mas, sim, contrariando o motivo do apêlo:

*Que é dos pintores do meu país estranho,
onde estão eles que não vêm pintar?*

Um rodopio festivo parece coroar a razão da existência do habitante da borda-de-água.

A planície, onde por vezes o Tejo passa serpenteando, torna-se mais suave. Os dois elementos — o rio e a terra baixa — harmonizam-se e comungam, emprestando-se, mutuamente, graça.

Sob a luz quente do sol do estio que ilumina a campina e põe reflexos de ouro no espelho das águas, a vida parece menos triste, os homens são mais fortes e leais e as raparigas mais morenas e amorosas.

Talvez existam ocultas tristezas ensombrando o coração do trabalhador. Contudo, há tristes motivos sentimentais que são a alegria da gente humilde. Quando o povo folga despreocupado, não é apenas para esquecer rudes labutas. Quem ponha cuidados de observação notará que uma esperança pode reflectir uma felicidade distante, prometida.

Nem sombra de imaginação pômos no que pretendemos esboçar. Creiam, é assim.

Por mais exacto que fôsse o jeito literário, êle seria imperfeito e incompleto para reproduzir o quadro versicolor, ardente, perturbante, que é uma festa ribatejana.

Que o digam aqueles que vêem e compreendem o Ribatejo.

São tão vivas e decorativas as festas dos campos e das cegadoras, dos barqueiros e pescadores da beira-rio, que nós, ao pretendermos dar uma simples nota impressiva de tanta alegria, protestamos contra a opacidade bronca da prosa, que só imperfeitamente pode traduzir o encanto espectacular que se pode contemplar nas festas ribatejanas.



Muitos ingleses assistiram à corrida. Entre eles o sr. M. Stewart, adido da imprensa junto da embaixada britânica



E o homem dominou o touro no meio de uma estrondosa ovação da praça



Um maioral de uma casa aristocrática do Ribatejo com o seu traje característico, junto de uma formosa rapariga da região



Os "comandos", com a sua notável façanha de Dieppe, provaram ao inimigo que invadirão a Europa quando quiserem



Foi nestes barcos especiais para operações de desembarque que os "comandos", britânicos, americanos, franceses e canadenses assaltaram Dieppe

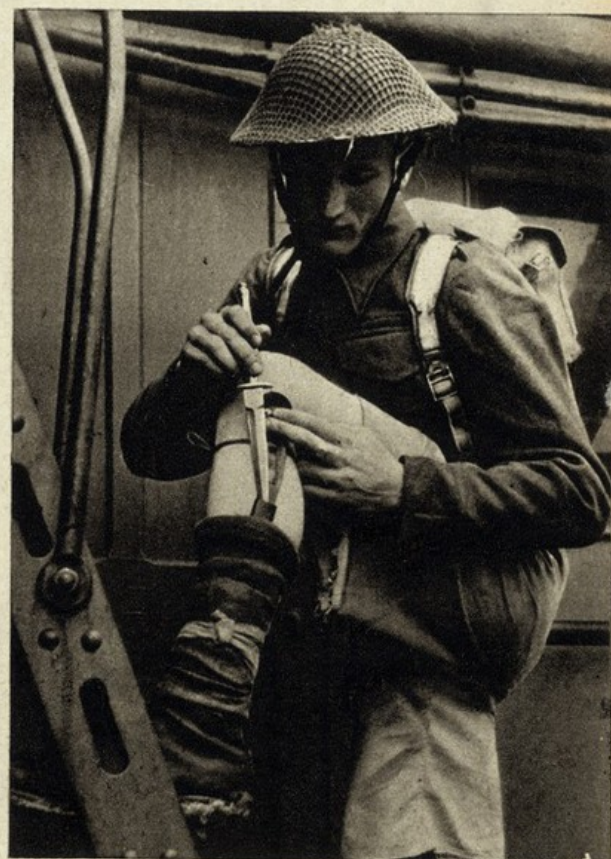


Este "comando", britânico, depois dum dia de luta, em que se bateu como um leão, traz como recordação um capacete nazi

O ATAQUE



Os heróis que atacaram Dieppe, desfazendo a lenda de inexpugnabilidade das defesas alemãs, regressam a Inglaterra, após nove horas de intensos combates, em que destruíram as posições inimigas. A este soldado, o fogo levou-lhe a perna duma calça, facto que o faz sorrir, tanto mais que a sua metralhadora abriu largas clareiras nas tropas alemãs



Quando as tropas inglesas entram, nas trincheiras inimigas, a espingarda ou a metralhadora é substituída por este afiado punhal



A vinda de Dieppe. Apesar de cansados pela luta, eles conversam, sorrindo da surpresa que fizeram aos alemães

A DIEPPE



Depois da operação de Dieppe. Cansados, negros da metralha, mas vitoriosos, os comandos ingleses desfilam, nas ruas dum porto da Gran-Bretanha, entre os aplausos delirantes da multidão



Mesmo quando se trata de exercícios, os "comandos" são sujeitos a bombardamentos com fogos reais. A escalada numa região montanhosa



O regresso dos heróis de Dieppe. Eis os "comandos", britânicos, mascarrados de pólvora, mas orgulhosos da sua façanha, e prontos a reomeçá-la



Lord Gort, governador da heróica ilha de Malta, debaixo dos seus poderosos canhões, condecora oficiais, soldados e civis numa imponente cerimónia

OS LEÕES DE MALTA

DURANTE quatro dias, de 11 a 14 de Agosto, desenvolveu-se no Mediterrâneo uma violenta luta aero-naval entre um comboio britânico protegido e poderosas formações de submarinos, unidades ligeiras e aviões das potências do «eixo». Tratava-se de fazer chegar à ilha de Malta os recursos em homens, em material de guerra e em abastecimentos indispensáveis para que a sua resistência se prolongue e continue a desempenhar, no quadro geral da guerra, o papel primordial que até agora lhe tem sido confiado.

Situada no flanco norte do teatro das operações mediterrânicas, a ilha de Malta desempenha uma triplíce função estratégica:

1) É a base aero-naval de onde é possível interceptar, num ponto vital, os comboios do inimigo que se destinam a abastecer os exércitos do comando de Rommel que operam no norte de Africa.

2) É o mais poderoso centro de actividade aérea e submarina que actualmente existe



Malta, apesar-de já ter repellido 3.000 raids, sorri sempre. Um passeio num dos característicos reus da ilha enquanto os canhões anti-aéreos mais uma vez expulsam o inimigo

no Mediterrâneo e de onde as forças aéreas e navais da Gran-Bretanha podem atacar, com êxito, o inimigo.

3) Realiza os objectivos fundamentais numa frente aérea onde o desgaste da aviação italo-alemã se te feito em proporções extraordinárias. Essa aviação obrigada a dispersar

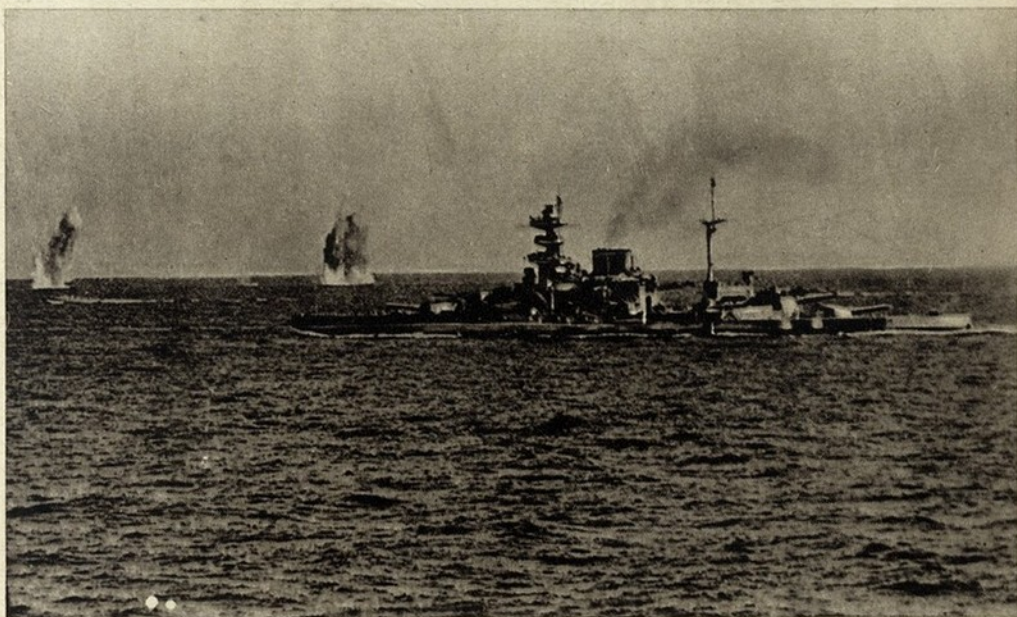
os seus aparelhos e o seu pessoal pela frente Leste, pelos países ocupados do ocidente europeu, a-fim-de se opôr aos ataques da R. A. F.

A resistência de Malta, incansavelmente conduzida desde que, em Junho de 1940, se iniciaram as hostilidades no

(Continua na pag. 27)



E os comboios chegam a Malta. Milhares e milhares de toneladas de material de guerra são desembarcados nos cais de La Valeta



A gloriosa marinha de guerra inglesa cumpre o seu dever. A despeito dos ataques inimigos ela continua a levar à ilha inexpugnável tudo quanto ela necessita em munições e mantimentos



AS ASAS DAS NAÇÕES UNIDAS DOMINAM O MUNDO

Os famosos «Catalinas» patrulham o Pacífico, contribuindo notavelmente para as sucessivas derrotas da esquadra japonesa e auxiliando as tropas de Mac Arthur na libertação dos arquipélagos daquele grande oceano



Redes morenas e secas ao sol, num curioso efeito fotográfico, com as suas rodelas de cortiça que as fazem flutuar à superfície das águas

REDES MORENAS

CASCAIS não é uma terra como outra qualquer, nem apenas a estação terminus duma via elegante e concorridíssima.

Com a sua pitoresca Cidadela, os bairros populosos e as ruas francamente rasgadas, oferece múltiplos aspectos que são interessantes e bem

dignos de reparo. Mas o que na realidade lhe dá vida e côr local, é o mar, Oceano clamoroso e ousado que nas horas tempestuosas ameaça a vila e marulha a dois passos da Praia do Peixe, essa colmeia viva de pescadores que se aventuram de manhãzinha em frágeis batéis à



O velho pescador, que já não pode andar sôbre as inquietas águas do oceano vê chegar a companhia do filho



Junto à praia do peixe de Cascais há esta curiosa casa de pescadores, que parece o beliche dum navio

mercê das ondas e só voltam a zumbir ali, em tórno da sua lota, quando no relógio da Câmara apontam as oito.

Costumam chegar à formiga, tripulando um dêsses barcos de nome esquisito e bairrista — certamente o primeiro que voltou com destreza a sua proa à terra — que muitas vezes se vêem, nas piscatórias aldeias, completamente abandonados de quilha para o ar.

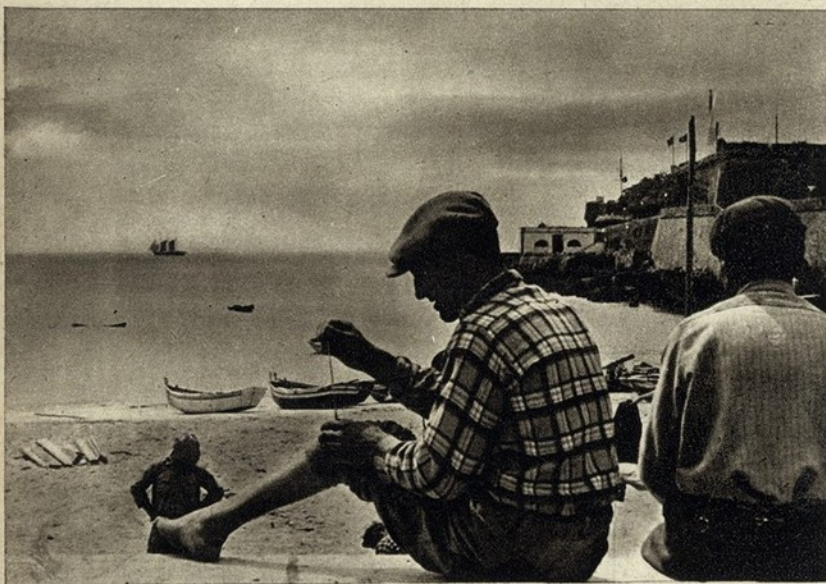
No entanto, êles escorregam velozes pelo dorso das vagas empurrados pelo vento, ou à força de braços; e ainda longe da praia, ouvem-se com nitidês, as roucas exclamações dos seus tripulantes porque elas dominam o barulho das ondas.

Depois, aparecem outros. Surgem mais, ainda, para além do Buglo, na perspectiva indecisa do horizonte. Mas quando os pescadores saltam na areia encharcada e empurram a embarcação para facilitar o arrasto, todos os que estão auxiliam, retezando os músculos na mesma ingrata manobra e ajudam com as suas tisanadas manápolas quási tão curtidas como a rede, a colocar o barco em terreno firme, bastante seguro.

E nesta manobra difficil, todos co-



Madrugada ainda, o barco é empurrado para a água direito à traineira que vem carregada de sardinha



Hora do descanso e de sol. Ao longe um lugre bacalhoeiro regressa dos bancos da Terra Nova

laboraram um pouco: homens que não pertencem à «campanha» e até mulheres, creaturas bizarras que parecem feitas de bieste com a rodada sala batida pelo vento, como a vela dum barco, e as pernas ao leu, que o sol e a vida ao ar livre tornaram morenas, iguais às das banhistas da outra praia.

Todavía, isso não pode interessar, nem mesmo lembrar de qualquer maneira à gente laboriosa dêsse mundo simples que vive simplesmente, porque qualquer dêles jámais se lembrou que existem nesta vida pessoas privilegiadas, que não precisam de se fazer ao mar para ter dinheiro, senão para lhes vender o mais caro possível, alguns dêsses peixinhos de prata que agora saltam na rede.

Porém, isso será feito muito depois, uma vez repartida a lota, e certamente por outros que não foram à pesca nem correram mil riscos de ficar por lá, eternamente prisioneiros do Oceano azul ou aparecer transportados pelas suas volúveis marês,

juntamente com outros destroços, em praias distantes.

Não. Em geral o pescador terminada a faina e se a pesca foi boa, bebe um copito na taberna mais próxima, e trata mesmo ao ar livre, no próprio barco, da sua frugal refeição.

Demais precisa também de olhar pelo batel e cuidar das rêdes. Estendê-las pela areia fôra como uma renda caprichosa a que é necessário reparar as malhas, e verificar se a embarcação ficou em bom estado ou precisa de estôpa.

Por isso, quando a noite desce e na cidade aparecem as primeiras luzes, não é raro avistar-se na praia qualquer fogueirinha onde se derrete alcatrão, ou próximo aos dispersos apetrechos quási invisíveis, um grupo de gente miúda que procura à beira dêsse mar infinito que dá tudo — a vida e a morte — os saborosos caranguejos que a rede trouxe...

Marlac Dimbla



Perdeu o marido e o filho num naufrágio. No entanto, todos os dias ela reza pelos que andam sobre as águas do mar



Cravando a ancora no areal doirado, não vá o oceano arrebatat a embarcação



As fragatas ajoujadas de melões descem o Tejo até ao cais dos mercados onde a sua estiva é feita desta maneira pitoresca

O QUE LISBOA COME

RIO abaixo, das veigas húmidas de Almeirim, dos valados de Alcochete, dos vergéis de Constança, ou dos hortelhos de Salvaterra, vagarosamente descem, em cortejo de fartura, as faluas e os saveiros, em prôa em meia lua, velas enfunadas pelo vento, no cântico rumoroso e prateado das águas do Tejo. Vêm carregadas de pollicromos e perfumados frutos, em que a terra se desentranhou ubérrima e generosa para a guela insaciada desta velha Lisboa. São os melões às centenas, uns brancos e envernizados de sol, outros doirados, de epiderme fina, outros ainda pintalgados de verde-negro como os cangirões das romarias ou, então, de casca grossa e cabeludos, como os troncos rugosos dos castanheiros, de procedências diferentes e nomes jamosos, mas reunidos numa grande e saborosa família, em pirâmides pesadas, que mergulham os flancos das embarcações nas águas do rio tutelar. À chegada aos cais citadinos, começa logo a chanfanafra. O garotito aparece, não vá algum deles rebentar, e ser merenda de sol e de néctar, sem custar um vintém. A estiva é curiosa. O arrais arremessa o melão a dois metros de distância, que outro homem agarra e passa a um ter-



Os melões preciosos de perfumado sabor são metidos em caixas e transportados para vários pontos do país

ceiro, este mais longe, ágil e certo, autêntica equipa de campeonato, num animado desafio de «rugby». A descarga faz-se rapidamente, porque já há outros barcos encostados à muralha, ajoujados com a sua carga preciosa e sumarenta. Os mercados enchem-se dessa fruta recumante, que, pelo preço, não distingue pobres e ricos — a todos, oferecendo indiferente, o seu doce travo, que sabe a flores, e é sol líquido em favos de mel.

Lisboa disfruta agora a abundância abençoada da terra. Os mercados estão cheios. É uma apoteose de cor e de frescura, em que Pomona como num Rubens planturozo, surge no seu eterno simbolo corouada de frutos e de flores.

E quando acabarem os melões, os racimos estarão já maduros para a grande festa báculica das vindimas. Noé vai encher as dornas, e Lisboa, senhora do Tejo, comer os cachos, continuando assim a abundância feliz deste verão, tão excepcionalmente generosa.



A terra ubérrima desentranha-se em frutos. Um aspecto do mercado da Ribeira Nova

A CONQUISTA DE EL ALAMEIN



O 8.º Exército, do general Alexander, em ação. Os tanks ingleses alvejaram com magníficos resultados uma coluna de blindados alemães



Um quartel general subterrâneo, vendo-se o tenente general Norris e o major general do 8.º Exército



A entrada do quartel general do 8.º Exército, que dirigiu as operações da tomada de El Alamein



Durante a noite, os canhões fazem fogo. O céu abraza-se destes clarões de metralha que vão, lá longe, destruir as posições inimigas



Foi assim que a heróica infantaria imperial inglesa conquistou El Alamein, espulsando dali o inimigo. Um infernal bombardeamento quebrou as últimas resistências

FIGURAS E FACTOS



O sr. Sub-Secretário das Obras Públicas inaugura a nova estação dos correios do Estoril



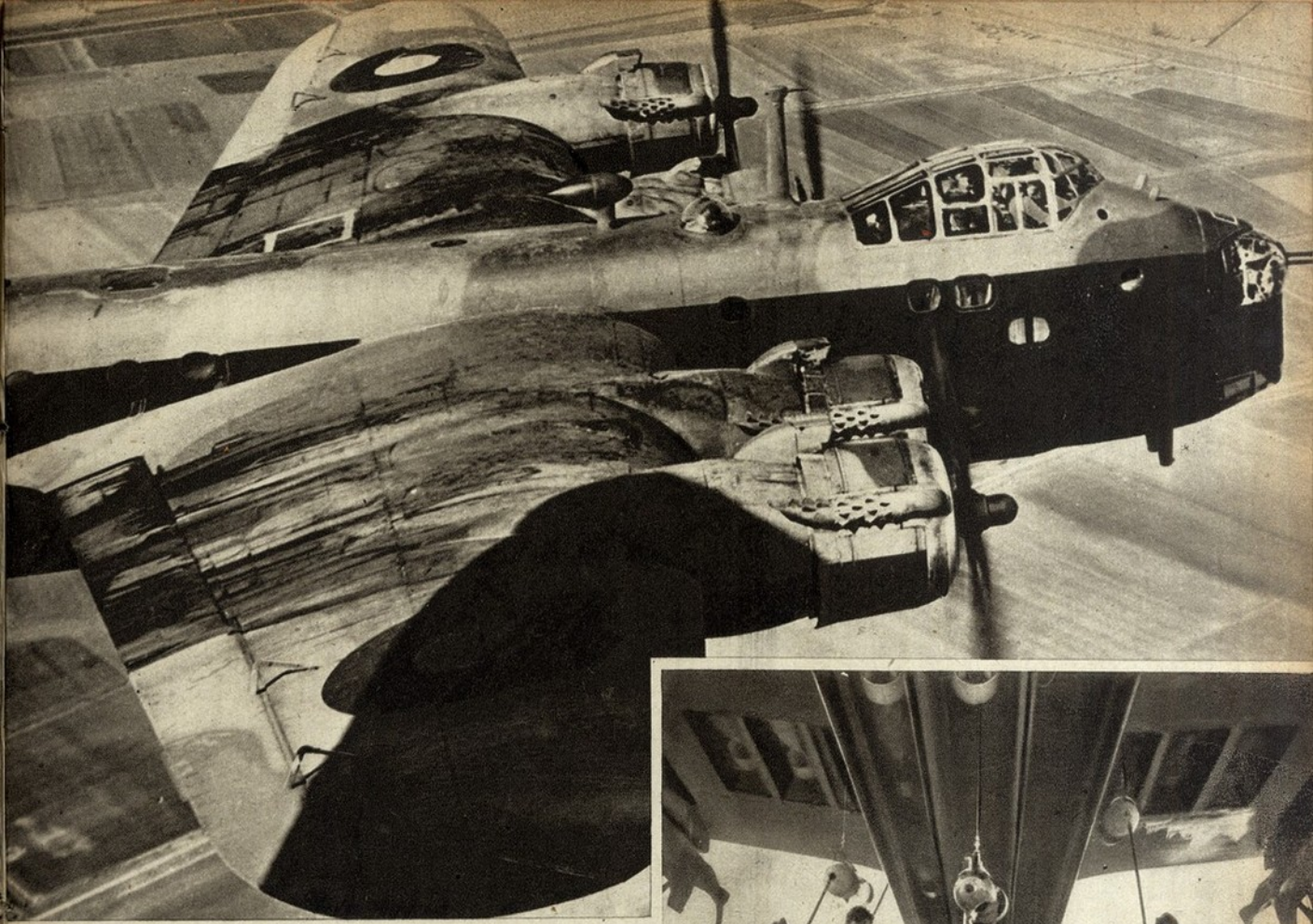
A viagem do sr. ministro das Colónias à União Sul Africana. O marechal Smuts, que conferenciou com o sr. dr. Vieira Machado, tem ao colo o seu neto



O sr. dr. Oliveira Salazar com o sr. embaixador de Inglaterra quando foi apresentar-lhe condolências, em nome do governo português, pela morte do Duque de Kent



As comemorações do «Dia do Bombeteiro». A homenagem aos mortos no cemitério do Alto de S. João



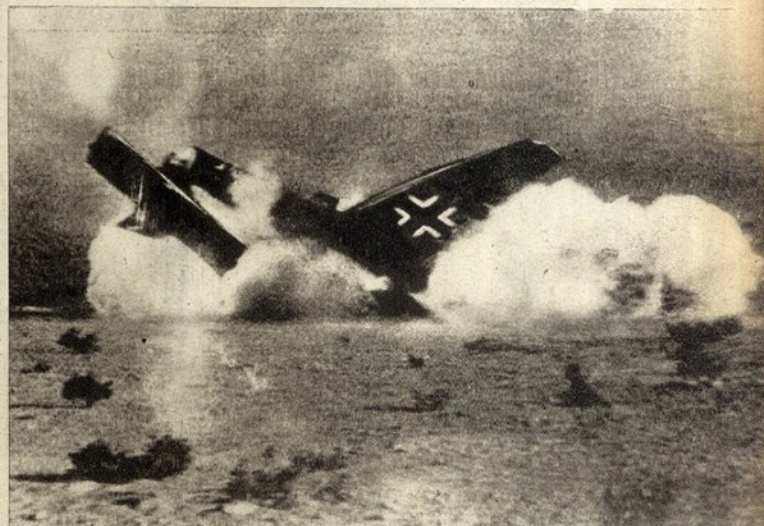
Os poderosos bombardeiros ingleses "Stirling", que voam constantemente sobre a Alemanha, destruindo a sua indústria de guerra



O poderoso carregamento de bombas de um "Stirling" que vai ser lançado sobre um centro de material de guerra inimigo



A bordo de um "Liberator" do Comando Costeiro, que afundou à granada um submarino alemão e um navio de abastecimento. Os metralhadores nos postos de combate



A R. A. F. vence sempre. Mais um dos milhares de aviões nazis que têm sido abatidos nos teatros de guerra

PAGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM

PORMENORES DA MODA

● Os vestidos de pintinhas são velhos como o velho mundo. Mas usam-se como se tivessem nascido hoje. Continuam a interpretar-se em dois tons diferentes, com roda nas ancas e mangas muito largas.

● Lá fora, vê-se muito a sala-calça, mesmo nas ruas da cidade. Aqui não há precisão disso, enquanto a bicicleta não se dispuser a trepar as sete colinas.

● Os *tailleurs* clássicos, raramente se fazem lisos. Têm riscas ou quadrados miudinhos e executam-se em fazenda de homem.

● As abas de tirar e pôr, sendo estampadas, tanto se podem colocar sobre o vestido próprio, como sobre um liso, preto. Um laço igual no decote completa a fregoliana transformação.

● Chapéus de duas cores: por exemplo, um *canotier* em palha branca com a copa noutra, azul.

● Muito branco e também: cinzento, azul escuro, rosa-chá, azul-pastel e amarelo-palha.

● Os folhos (cuidado, senhoras nutridas) vêm-se muito, ora nas saias ora nos decotes e, sobretudo, rematando as lindas golas e os encantadores *jabots* de fina *lingerie*.

O QUE ELES COMEM

Os artistas de cinema têm, cada um, o seu regime. Só as saladas são comuns. Em geral, limitam-se a um prato.

Ora vejamos o que alguns comem:

— *William Powell*: tudo aquilo em que se possa pôr mostarda.

— *Joan Crawford*: frango com molho de tomate e muitos *pickles*.

— *Clark Gable*: o famoso mexido de requieirão com castanhas (que ninguém faz como o que sua mãe fazia).

— *Norma Shearer*: uma *sandwich* de pasta de fígado, às duas horas matemáticas.

— *Robert Taylor*: bife mal passado.

— *Heddy Lamarr*: espinafres em salsa gelada... e doces.

— *Myrna Loy*: *mutton chops*.

— *Spencer Tracy*: carne assada com batatas e torta de maçã.

— *Jeannete Mac Donald*: batatas fritas.

— *Lana Turner*: gemadas e chocolate.

As dietas, os regimes severos, vão passando de moda. Já ninguém quasi morre de fome em Hollywood.



Um lindo vestido de tarde, duma linha elegante



Cinco graciosas raparigas americanas que trabalham nas fábricas de tanks

Hosiery Spécialits
OUT SIZES

Casa Quey

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18

Yamais
SARDAS



...UMA
TEZ
DE LIRIO!

Ainda não houve ninguém que explicasse cabalmente as misteriosas propriedades branqueadoras e embelezadoras duma cera doce, untuosa que se encontra no coração de certas flores preciosas de Riviera. Quando se aplica esta cera sobre a pele ela faz milagres, é um facto que ainda não foi desmentido. As marcas por mais escuras que elas sejam, as sardas, os pontos negros e outras imperfeições da tez eliminam-se durante o sono. Esta substância quasi mágica chamada Cire Aseptine dissolve realmente a camada superficial da pele, escamosa e meia morta que se encontra assim substituída por uma nova pele fresca que cobre até então. A fim que o contraste com a sua cara não seja muito visível aplique igualmente a Cire Aseptine sobre o pescoço, ombros, braços e mãos. Assim apesar do sol, do vento e das intempérias, poderá dar à sua pele a brancura do lírio. Experimente a Cire Aseptine hoje mesmo. Garantimos o sucesso senão devolvemos o dinheiro. Encontra-se à venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o depósito ASEPTINE—88, Rua da Assunção—Lisboa—que atende na volta do correio.

OS LEÕES DE MALTA

(Continuação da pág. 18)

Mediterrâneo, é já hoje um motivo de epopeia. Ficará como uma das páginas mais belas da história desta guerra onde não faltam os motivos de heroísmo e de devoção patriótica.

Os rebates aéreos contam-se já por milhares e por centenas os ataques de que tem sido objecto. A população, que tem suportado heróicamente uma luta de dois anos, mostra-se confiada e colabora com a guarnição em todos os trabalhos necessários para auxiliar a defesa da ilha. O chefe da sua guarnição é hoje uma das primeiras figuras do exército britânico, pelo seu saber, pela sua bravura e pela sua decisão, o general Gort, que já durante o actual conflito deu as suas provas como comandante do Corpo Expedicionário Britânico, em França, e como governador militar de Gibraltar, num período particularmente difícil.

Compreende-se que, por todas estas razões, o governo britânico tenha envidado os seus melhores esforços, para que à ilha de Malta chegasse um poderoso combóio e que, para tanto, o fizesse escoltar fortemente por unidades da sua marinha de guerra. O combóio chegou ao seu destino. Toda a Imprensa britânica considera esta realidade a única que domina a batalha aero-naval recentemente travada no Mediterrâneo, como um êxito da Armada Real e do chefe que dirigiu as operações, o almirante Syfret.

Os jornais de Londres anunciam o facto ao público inglês com este título significativo: «Malta está agora habilitada a resistir por muitos meses.» Os prejuízos sofridos, entre os quais se inclui a perda de algumas unidades de marinha, aparecem suficientemente compensadas pela certeza de que a batalha do Mediterrâneo vai prosseguir e que um dos elementos essenciais da sua decisão é a resistência heróica de Malta.

Literatura Inglesa

CHARLOTTE BRONTË



★ **N**ÃO é vulgar, mesmo tratando-se de escritores ligados por laços consanguíneos, encontrarem-se inalteráveis e unidos os mesmos gostos, iguais modos de ser moral, estreita comunhão de idéas e de sentimentos estéticos.

Com Charlotte Brontë — mais tarde extraordinária romancista — deu-se o facto de se ter estreado com um tomo de poesias, escrito de colaboração com as suas duas irmãs: Emilia e Ana. Esse livro de versos indígenas, reflectia a candidez e a infirmezinha próprias de uma estreta feminina.

Um curto período bastou para lançar no esquecimento as primícias poéticas das três verzejadoras.

Contudo, Charlotte estava destinada a ser mais alguma coisa de simples e tímida participante de inocentes endexas. Uma força a impelia para novos e gloriosos destinos.

A pobreza que atingu a sua mocidade força-a a emigrar para a Bélgica, onde luta heroicamente para viver. Em Bruxelas exerce, a-par-de outras profissões laboriosas, a de perceptora. É nesse período que o seu espirito desperta e se desenvolve em contacto com duras realidades. As suas já distantes aspirações de menina diluem-se no esquecimento, ao alvorecer da juventude. Os anos fortalecem o seu espirito, tornam-lhe mais firme o carácter.

★ Charlotte não podia, portanto, ela que sentira as contingências e as angústias da vida, deixar de dar forma e beleza às persecutoras ansiedades que agitavam o seu coração.

Então, nos curtos espaços que as ocupações lhe permitem, começa a interpretar através da arte o que muito viu, sentiu e imaginara. Durante o tempo em que vive emigrada escreve a novela «O professor», obra admirável que não obstante o seu grande mérito não conseguiu editor. Só em 1857, isto é, dois anos depois da morte da autora, o livro foi publicado.

De regresso ao seu país, Charlotte dá à estampa a novela «Autobiografia de Jane Eyre».

Foi esta obra admirável que coroou exuberantemente a sua indestrutível fama de escritora. Todavia, a sua prosa clara e os pensamentos expostos, foram objecto de apaixonadas críticas.

Aos 33 anos, a grande romancista inglesa publica «Shirley». Esta produção, segundo o parecer de alguns dos seus biógrafos, é a mais completa pintura da vida rural inglesa. Quatro anos depois, em 1853, publica «Villette», obra perfeita e conclusiva quanto a uns; mas um tanto defeituosa na contextura e na ordenação das idéas, segundo outros.

Entretanto, ainda hoje a obra de Charlotte Brontë é alvo de dedicados estudos, se bem que nem todos refletem o mesmo juízo crítico. O facto, quanto a nós, serve ainda para enaltecer a memória da romancista. Mal vai aos escritores quando, decorridos anos, a crítica não encontra razões para deles se ocupar, por mais contraditórias que pareçam as opiniões emitidas. O que não será ousado afirmar é que Charlotte Brontë, morta aos 39 anos, deixou uma obra que pode, com justiça, ser considerada inigualável entre as actividades literárias femininas do seu século.

A. R.

6 4 4 2 6

É O NÚMERO TELEFÓNICO DA

NEOGRAVURA, L. DA

A única Empresa que em Portugal trabalha em heliogravura e onde se executa o Mundo Gráfico

Travessa da Oliveira (à Estréla), 4 a 10 // LISBOA

DECLIVE

NOVELA DE
GUEDES DE AMORIM

NESSE dia, decidiu-se. A fome apertava, apertava como tenazes. Depois, para que servia ter padrinho rico? Está claro, servia-lhe já para muito, principalmente quando trilhava alguma rua acompanhado de maltrapilho do seu conhecimento e adregava ver passar o sr. Nogueira, gordo, repousado, no seu automóvel cintilante de metais. «Aquele milionário é meu pedrinho», dizia, envaidecido, para o companheiro. E, como quasi sempre se abria no rosto do interlocutor espanto e dúvida, então o Lanhosa desatava a carregar de louvores e espaventos o sr. Nogueira. Tinha palácios e quintas—explicava—e também muitos barcos desses que vão e voltam de portos distantes com o bojo repleto de mercadorias. «E, como te conheceu?», perguntavam-lhe. A mãe do Lanhosa vendia lotaria e andava pelas portas dos «cafês», dos teatros e restaurantes de luxo a apregoar vegéssimos e cautelas. Certa ocasião, o sr. Nogueira

saía dum casino, muito satisfeito, entre mulheres vistosas e alegres. A triste abordou o milionário, com o filhinho nos braços e pediu-lhe uma esmola para baptisar o pequenito. Açou o abastado Nogueira graça ao pedido e, logo ali, voluntariamente se ofereceu para apadrinhar o pimpolho. «Dizia-me minha mãe, antes de morrer—rematava o Lanhosa—que o sr. Nogueira cumpriu a sua palavra, arranjando até para minha madrinha uma das tais mulheres que o acompanhavam...»

Agora a caminho do soberbo palácio do Nogueira, Lanhosa dizia para com os seus botões: «Isto de ter padrinho rico deve oferecer vantagens... Ora vamos lá a ver...»

ENTROU para um salão ricamente mobilado. —Eu vou avisar sua excelência—disse-lhe o criado de librê, desaparecendo para além duma porta com desenhos doirados.

Ficando só, o pobre sentiu-se confundiado entre tão esplendorosa riqueza. Que contraste, que irónico e doloroso contraste! Ele, um pobre diabo, com o estômago mordido de fome, ali, cercado de luxo! Era para estoirar de riso. E, realmente, êle pôs-se a rir, a rir de si mesmo, do seu destino, perseguido de miséria, e dos quadros, tapetes e ricos móveis que tinha à sua volta. Mas, ouvindo passos, muito leves, fez um esforço e reprimiu a alegria escarninha.

—Que deseja de mim? Era o sr. Nogueira, acabado de entrar, gordo, bem escanhado, trajando com esmero. Lanhosa ficou atrapalhado. Então o padrinho já não se lembrava d'êle? Também a verdade é que, havia oito anos, que o não via. A última vez que ali tinha estado, a convite do padrinho, fôra para tocar ocarina, em que era exímio. O Nogueira gostava de ouvir êsse instrumento, e, à despedida, metera na mão do afilhado uma nota de vinte escudos. Esta fraca importância era tudo, afinal, quanto lhe tinha dado até à data. Lanhosa olhava o padrinho, embasbacado. Então já não o conhecia?

—Sou o Lanhosa, o seu afilhado...

—Ah! És tu? Acho-te outro, muito magro...

—Estive bastante doente... Nogueira sentou-se e, olhando para o afilhado, observados dos pés à cabeça. Estava um frangalho. Certamente, vinha pedir-lhe dinheiro, talvez até quisesse que lhe arranjasse emprego. Mas fartissimo estava êle, e há muito, de ser um mãos-rotas para a fami-



lia e todos os moínas que o procuravam. A culpa, de resto, era sua, simplesmente sua... Se não tivesse aquele bom coração que tinha... E, observando o farrapilha que continuava na sua frente, de pé, lembrou o dia, havia mais de vinte e cinco anos, em que o fôra batizar. Como o tempo havia passado veloz! Bem; não havia deixar-se iludir com o passado. O que tinha a fazer era ver-se livre daquele impertinente magricela o mais depressa possível...

—Depois da última vez que aqui estive, a tocar no padrinho... —disse Lanhosa, a médo, tremendo, para explicar o calvário da sua vida.

Ao ouvir estas palavras, o rosto do milionário ganhou uma expressão de alegria e curiosidade. Era verdade... Era verdade que aquele seu afilhado era um mestre a tocar ocarina. Gostaria muito de tocar como êle tocava. Ainda pegueno, enquanto guardava cabras, lá na serra onde havia nascido, milhentas vezes havia Nogueira tentando aperfeiçoar-se nesse instrumento. Porém, nunca tinha passado dum reles tocador. Depois, quando caixeiro, tentou ainda aprender. Tinha ouvido, sabia que tinha bom ouvido, decorava facilmente qualquer pequeno ou grande trecho musical, mas lá para a ocarina era como azemola pegada numa subida. Mais tarde, rico como um nababo, à custa de avultadas transacções de quintais de arroz e de bacalhau, puzera de lado tal ambição. Todavia, sempre que tinha ensejo de ouvir êsse curioso instrumento enternecia-se, deixava-se mergulhar nas saudades da sua infância e, ao mesmo tempo, renascia-lhe o antigo e acarinado desejo...

—Trazes a ocarina? — perguntou — Trazes a ocarina?

Não esperando a pergunta, Lanhosa sentiu-se menos os vontade. Para que é que o padrinho queria a ocarina? De-

sejaria ouvi-lo tocar, certamente. Porém, êle não tinha vindo ali para tocar, mas arranjar uns patacos para debelar aquela fome de dois dias, que já lhe causava tonturas. Depois, havia já uns três anos que tinha abandonado o instrumento. Uma vez salvo da doença terrível que o havia acometido, tinha ficado um tremelica, incapaz de segurar nas mãos fôsse o que fôsse...

—Já não posso tocar, padrinho...

—Porquê?

Lanhosa, por resposta, mostrou as mãos, que tremiam como se estivessem separadas dos braços e um vento diabólico as sacudisse.

—Consequência da bebida, heim? atirou Nogueira, pondo-se de pé.

—Não, padrinho. Disseram os médicos que é sífilis, já muito adiantada.

—Lérias! Eu não acredito em lérias, percebeste?

Indignado por o afilhado não lhe proporcionar um concerto de ocarina, Nogueira convenceu-se de que êle estava ali só para o explorar, para lhe pedir uns escudos. Não queria, porém, saber de desgraças nem tampouco estava disposto a sustentar malandros. Sem mais, apontou ao triste a porta de saída.

DE novo na rua, arrastando os sapatos cambados, Lanhosa mostrava no rosto chupado um sorriso amargo. A fome, como um lobo, dentava-lhe com redobrada violência o estômago. Apetecia-lhe gritar, tudo e todos, mas faltavam-lhes forças para tanto. Foi andando, pensamente, para a cidade velha. Não queria acerditar no sucedido. Todas as suas esperanças em ruínas, mas carregando, esmagando-lhe os ombros. Na dolorosa confusão que o envolvia, era forçado a reconhecer, porém, que de nada lhe servia ter um padrinho rico...

O BARBEAR



torna-se num prazer diário quando feito com OATINE SHAVING CREAM

O creme OATINE de barba é um produto moderno, cientificamente preparado e destinado àqueles que exigem o que há de melhor. Na sua composição entram vários ingredientes considerados como indispensáveis ao alimento e conservação da «cutis». Por isso, não se trata somente de um creme de barba, como de um tónico adstringente da pele. Produz uma espuma abundante que amacia a barba, conserva os pelos erectos e deixa a pele agradavelmente aveludada.

Oatine

a marca da "élite."

À venda nos boas casas ou pode ser requisitado ao depositário

F. H. DOS SANTOS

Cr. dos Colovels, 37-1.º-D. LISBOA

A AMERICA GIGANTESCA (Continuação da página 8)

queno, de grande capacidade, quasi do tamanho de um automóvel de transporte de passageiros, robusto, durável, e de extraordinária mobilidade.

Desenhado no início para substituir a motocicleta, o "jeep" mostrou-se logo capaz de uma maior utilidade, subindo ligeiro as rampas vedadas aos tanks e capaz de rebocar artilharia pesada.

Na planície, o "jeep" corre veloz. O seu comando isolado das quatro rodas permite-lhe maior rendimento e maior capacidade de manobra. As dimensões permitem o embarque em aviões de transporte.

A tripulação do "jeep" é de quatro homens. Quando utilizado em combate, dispõe de uma metralhadora de calibre 50, cujas balas podem atravessar fortes blindagens.

A equipa é guarnecida com pequenas metralhadoras para o combate de corpo a corpo.

As características deste carro e do especial amortecimento das suas molas, permite transportar um canhão de tiro rápido, de 30 milímetros, utilizável contra tanques aviões.

Foram ultimamente introduzidos tipos modificados deste carro. Há, por exemplo, o tipo anfíbio, o chamado "jeep aquático", que lembra um barco a motor, com rodas; atravessa campos e ribeiras com a mesma facilidade.

Outro tipo de "jeep" é o que atravessa os pântanos, montado em pneus reforçados, e com maior base, bom para as terras alagadas; e o super "jeep", conhecido como tal, que reboca um vagão cheio de armas, destinadas a aumentar a potência de tiro de toda a divisão. Nas unidades motorizadas mais pesadas reside a potência essencial de ataque da divisão mecanizada americana. Conduzem maior quantidade de armas, homens e possui maior potência de ataque.

Incluem o carro "escuta", o carro normal de reconhecimento, o transporte de pessoal e de armas e outros tipos de carros necessários.

Os carros "escutas" marcham na vanguarda das forças atacantes, à frente da infantaria, sondam e avaliam as forças inimigas, procuram situar as emboscadas, os campos de minas, as várias armadilhas e ratoeiras, localizam e destroem os nichos das metralhadoras e as guardas avançadas do inimigo.

São rápidos, protegidos de fortes blindagens, excessivamente manobráveis e estão armados de várias metralhadoras.

Enquanto estes carros avançados, e ainda outros, foram modificados com o fim de se tornarem superiores a todos os outros modelos existentes nos diferentes países, foram vantajosamente substituídos nas forças mecanizadas americanas por outros carros ainda mais modernos e úteis — os semi-tanks.

O carro semi-tank é um carro híbrido, metade tank e metade carro de combate. Na frente tem rodas e na retaguarda correntes de rodagem, podendo, equipados desta forma, atravessar os pântanos, e os terrenos mais acidentados conservando grande velocidade nas estradas e caminhos abertos e planos.

O semi-tank é acionado por um motor de super-compressão e sobe inclinações de 60.º graus, carregado com homens e armamento, sem o mínimo prejuízo da circulação de gasolina.

O semi-tank de combate é suficientemente alto para todo o terreno, conservando, contudo, silhueta baixa para não se tornar um bom alvo.

Caminha facilmente sobre a lama e os ribeiros de fundo baixo. Uma grande roda situada ao centro, e à frente, ajuda-o a sair das covas, e dos valados. Tem dois depósitos de gasolina, protegidos com blindagens resistentes, fechando-se automaticamente com a pressão.

Este carro de combate caminha mais de 350 milhas, através de todo o terreno, pantanoso ou acidentado, com a gasolina dos seus depósitos.

O carro "escuta" semi-tank, os carros blindados de combate, os transportes de pessoal e de tropas, transportes de armas, e outros tipos de carros similares, são poderosamente blindados com pranchas de aço de meia polegada. Todos eles, à excepção dos transportes de pessoal, estão equipados com metralhadoras, montadas sobre calhas, circularmente, dispostas no tópo dos carros, permitindo um círculo completo de raio de acção.

Os transportes de pessoal, utilizados para a deslocação

rápida das tropas, são evidentemente mais protegidos do que armados. As suas fortes blindagens resistem facilmente às balas das metralhadoras e às granadas.

Quando sob o fogo, desce sobre o motor, uma série de chapas de aço, destinadas à sua protecção e uma prancha sólida com dois buracos substitue o guarda-vento, destinado à protecção do condutor e das tropas.

Um dispositivo de metralhadoras e espingardas automáticas reforça a defesa do transporte de tropas.

As peças conduzidas pelos transportes de armamento vão da metralhadora pesada aos canhões de 155 milímetros.

Incluso nesta classe de

carros de combate está o novo tank-destroyer, um semi-tank de fácil manobra, de uma terrível força de destruição. Pode mover-se sobre uma pequena moeda e, na realidade, salta sobre todo o terreno, disparando ao mesmo tempo canhões de tal calibre, como os de 105 milímetros, e tão pesados que facilmente virariam um carro ordinário de combate.

São desta força os combatentes motorizados, que a América utiliza e envia aos seus aliados de todas as Nações Unidas, até os confins do mundo.

Este cortejo não tem fim, cresce todos os dias em magnitude, acumulando carros de todos os tipos para a ofensiva de amanhã.

A Conferência de Moscovo

por Carlos Ferrão

UM acontecimento político da maior importância, revelado durante a última quinzena, dominou não apenas a evolução da campanha militar que prossegue na frente oriental, mas o conjunto da guerra e as perspectivas da sua próxima evolução. O Primeiro Ministro da Gran-Bretanha ausentou-se durante algumas semanas de Londres e fez uma digressão demorada pelo Próximo Oriente e pela Rússia. Desde a frente de El Alamein à capital da U. R. S. S. o sr. Churchill percorreu cuidadosamente todos os pontos que podiam interessá-lo sob o ponto de vista da observação ou da decisão.

A parte mais importante da sua viagem foi sem dúvida, a que se realizou na Rússia. Durante três dias o sr. Churchill conferenciou com os chefes políticos e militares soviéticos. Acompanhavam-no algumas personalidades categorizadas cuja colaboração lhe era indispensável para resolver os múltiplos problemas de carácter técnico que a aliança militar celebrada entre os dois países implica. Quanto às decisões políticas é quasi certo que elles couberam principalmente aos dois principais interlocutores nas conversações de Moscovo.

Dessas decisões a mais importante é a que se relaciona com a criação duma nova frente. Em que consiste fundamentalmente o problema da segunda frente, que tanta tinta tem feito correr já? Em criar uma diversão militar bastante poderosa para aliviar a pressão que, desde o dia 22 de Junho de 1941, vem exercendo a leste a máquina militar do Reich. E convicção assente para muitas pessoas, que, para ser eficaz, essa diversão precisa ser criada na Europa.

A verdade é que a guerra se desenhou no plano mundial e no plano restrito do nosso continente. Os soldados, os marinheiros e os aviadores dos dois grupos de beligerantes não se batem apenas no Cáucaso ou em Dieppe; defrontam-se igualmente, nas ilhas Salomão e na China, no norte de África e no Atlântico.

É evidente que um desses problemas é o que se refere à defesa do Cáucaso, zona geográfica que pela sua função e pela riqueza que encerra interessa igualmente russos e ingleses. A modificação de comandos registada durante a viagem do sr. Churchill indica que esse foi um dos pontos a respeito do qual as conversações concluíram por um acôrdo. A escolha do general Wilson, celebrado pelas suas acções na Líbia e na Síria, conhecedor profundo do terreno e dos métodos actuais da arte de guerra é o sintoma mais claro de que os petróleos de Baku e a segurança do Médio Oriente foram acatueledas por um período relativamente longo.

CINEMA

INDEPENDENTE de outras actividades de capital importância, que se prendem com a evolução da guerra, um dos maiores e mais veementes esforços do Ministério da Informação britânico concentrou-se na produção de filmes de propaganda.

Antes de eclodir a guerra, os filmes patrocinados pelo Governo revestiam-se dum carácter cultural, grave e sério, patenteando, sem esforço, num pitoresco cotidiano, todos os acessos duma alta nobreza artística. Nas suas imagens concentravam-se, numa suprema primazia de beleza, uma tão saborosa alegria intelectual e um tal encanto de viver que ultrapassam todos os prazeres que a vida podia oferecer. Nada de concessões ao paladar do público, nada de lisonjas ao escol dos espectadores. Apenas a verdade, absoluta e rígida, dos factos, numa justa impressão da vida, com as suas vaidades, caprichos da fortuna, fraquezas e trivialidades.

Com a eclosão das hostilidades, o lirismo e a inspiração dos produtores, sedentos de novidade e da ânsia de traduzir, em imagens sonovisuais, as emoções dos acontecimentos em curso, encontraram novas fontes de sugestão na comoção nobilíssima do entusiasmo dum povo, que faz vibrar a nossa alma, num milagre de fé e de redenção, transmitindo-nos o que havia

O GOVERNO INGLÊS INTENSIFICA A PRODUÇÃO DE FILMES DE PROPAGANDA

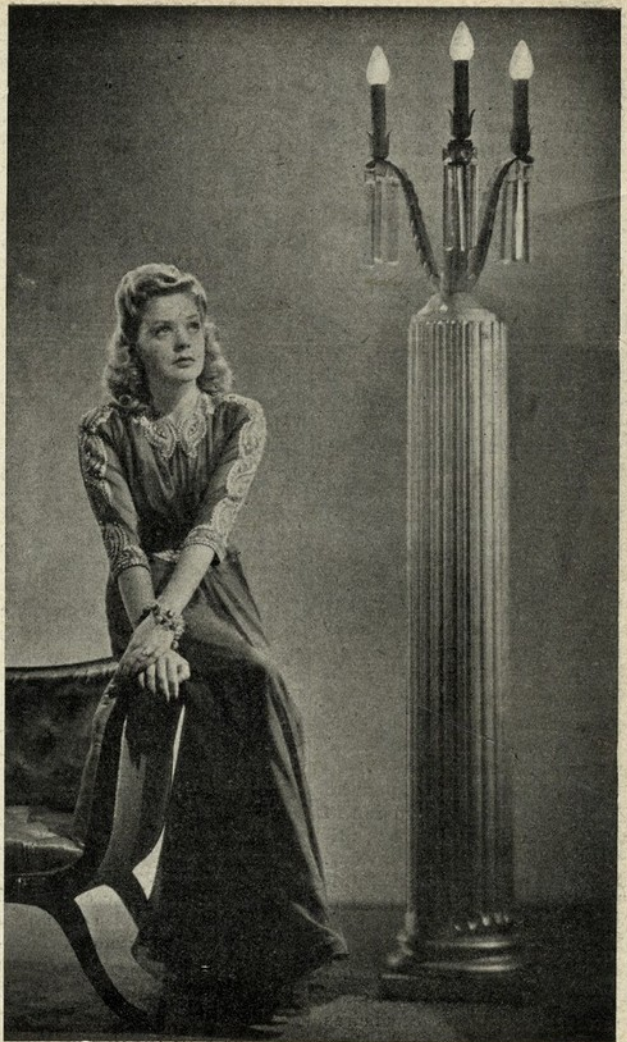
de mais puro na sua inteligência e na sua consciência. Resultado: o falso bonito foi atirado às malvas e a fantasia cedeu o lugar à realidade histórica duma existência em que se debate o direito de oprimir... Com ela surgiu uma nova técnica, que produziu uma simplificação de processos, sem se desviar do assunto, antes enriquecendo-o com artificios de câmara, os quais, para alguns, constituem sempre motivos de admiração... Este facto gerou a confiança nos destinos do cinema inglês. O público, agora, acolhe com sincero entusiasmo todos os filmes apresentados sob a égide do Ministério da Informação.

A influência que eles têm exercido no espirito do povo obriga-nos a registar um facto que não pode ficar ignorado: após a exibição do documentário «Combatendo a Difteria», milhares de pais submeteram os seus filhos a uma vacina contra o terrível mal...

Outros filmes de reduzida metragem, como «Rush Hour» (Horas de Afluência), têm por finalidade revelar os inconvenientes de diversa ordem, como trânsito, refeições nos restaurantes, etc. daqueles que resolvem sair à mesma hora em que os operários abandonam o trabalho nas fábricas de material de guerra. Cada filme de propaganda, que se realiza em Inglaterra, é sujeito a um minucioso estudo. Muitas vezes, a idéia que preside à sua feitura sofre um aturado controle do Ministério que a inspirou.

Este e outros cuidados impõem a realização, duas vezes por semana, de importantes conferências, presididas por Mr. Jack Beddington, que têm por fim coordenar futuras actividades. A assistência que, desta forma, se presta aos produtores, revela a importância que o governo dispensa à realização de filmes de propaganda. Para estimular idéias úteis e convertê-las em imagens proveitosas fundou-se a «Crown Film Unit», cujos destinos são dirigidos por Mr. Yan Dalrymple, que é igualmente produtor-honorário da Secção Cinematográfica do Exército. Nascido na Africa do Sul e educado em Cambridge, Mr. Dalrymple é uma das mais representativas figuras do cinema inglês.

António Lourenço



Alice Faye enviou esta foto para os nossos leitores



Ann Sheridan, uma das mais formosas vedetas da Warner Bros, para a qual concluiu «Mystery House»

INFORMAÇÕES

Os melhores filmes exibidos em Londres

Segundo uma importante revista inglesa da especialidade, os filmes exibidos, recentemente, em Londres foram:

We Were Dancing (M. G. M.), com Norma Shearer e Melwyn Douglas. Realização de Robert Z. Leonard.

Confirme or Deny (Fox), com Joan Bennett e Don Ameche. Realização de Archie Mayo.

Bedtime Story (Columbia) com Loretta Young e Fredric March. Realização de Alexander Hall.

Next of Kin (Produção inglesa), com Basil Sidney, Frederick Lister, Phyllis Stanley, Mary Clare e Nova Pibbeam. Realização de Thorold Dickinson.

This Gun for Hire (Paramount), com Veronika Lake, Robert Preston e Laird Craig. Realização de Frank Tuttle.

The Night Before the Divorce (Fox), com Lyn Bary, Mary Beth Hughes e Joseph Allen. Realização de Robert Siodmak.

A MAQUINA DE ESCREVER MAIS PORTÁTIL DO MUNDO!

Construção suíça de alta precisão

DISTRIBUIDORES:

SUL: M. SIMÕES JR., Rua da Conceição 46, 1.º E. - Telefone 21672 - LISBOA
NORTE: ARAUJO & SOBRINHO, SUCRS., Largo S. Domingos 50 e Filial, Rua dos Clérigos 8, Telefones 235 e 2352 - PORTO





...aqui AMÉRICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
9,15	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
10,30	Segunda-feira.....	25,23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado...	31,02 m. (9,67 mc/s)
20,15	Segunda-feira, Sexta-	25,40 m. (11,79 mc/s)
	-feira.....	30,90 m. (9,70 mc/s)
		49,60 m. (6,04 mc/s)
21,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s)
		31,02 m. (9,67 mc/s)
21,45	Sábado, Domingo	31,02 m. (9,67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19,56 m. (15,33 mc/s)
23,30	Sábado, Domingo	19,56 m. (15,33 mc/s)

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

MUNDO GRÁFICO



O sorriso vitorioso
dum
piloto
da
Royal Air Force
na carlinga
de um avião
americano